

O DOMINGO

SEMENARIO - POPULAR



DIRECTORES - ALGUNS JOVENS SEM LETTRAS

COLLABORADORES. — Todos os Exo.^{mos} Snrs. e Senhoras, que o honrarem com seus escriptos

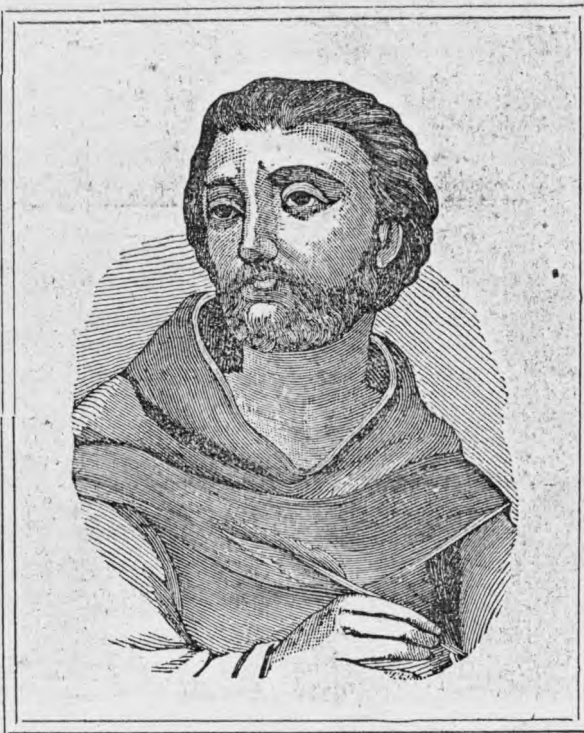
<p>1.º Anno</p>	<p>ASSIGNATURA—Em Braga, mez, 60 rs.—pelo correio 80 ANNUNCIOS—Linha 40 rs—Repetição 20. Os snrs. assignantes tem 30 p. c. d'abatimento.</p>	<p>ADMINISTRAÇÃO—Largo de S. Francisco n.º 9, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.</p>	<p>8.º Numero</p>
-----------------	--	---	-------------------

Anselmo José Braamcamp

EM quanto todos os partidos políticos, na mais terna e fraternal convivencia, pranteiam a perda de um homem honrado, de um correligionario sincero, de um tribuno consummado e de um estadista austero, como foi Anselmo Braamcamp, vamos nós tambem a seu exemplo, não engrandecel-o nem tecer-lhe louvores pelos actos que praticou durante sua vida publica, mas sim fazer-lhe a sua verdadeira apothese, engrandecel-o, sublimal-o emfim, pela preciosa morte que desejou ter, fazendo-a preceder de todos os sacramentos, exortações e outras praticas religiosas, a fim, de seu ultimo alento ser a verdadeira morte de um justo.

Sim; quando no dia 13 do corrente o telegrappo nos annunciava, que Anselmo Braamcamp tinha ouvido missa e commungado com sua familia, e que momentos depois teve logar o seu feliz passamento, o nosso coração de crente, mas crente verdadeiramente christão, se não pôde deixar de entristecer-se pela perda de um ente prestimoso, rejubilou-se ao mesmo tempo por vêr que um homem como Braamcamp, elevado á verdadeira altura do poder, sendo o alvo constante de um paiz inteiro, e favorecido com um

descrença religiosa. Em quanto os viadores, todos estamos sujeitos a faltas e contra-tempos; porém, não se tendo apagado para nós, de todo, quaesquer vislumbre das verdades eternas como crêmos aconteceu a Braamcamp; é certo que á ultima hora de nosso derradeiro suspiro as benções do ceo cahirão sobre



FR. THOMÉ DE JESUS

nós, e então não só daremos bom exemplo aos que deixamos, mas também a feliz eternidade. Não nos, pois, com verdadeiramente cremos que corremos o risco de sermos

ao partido de quem elle foi dedicado chefe, os nossos mais sinceros pezames.

Fr. Thomé de Jesus

I.—Nasceu em Lisboa este ornamento dos *eremitas agustinianos*, conhecidos usualmente com o nome de *Grillos*:—e teve entre os irmãos, illustradores do nosso paiz, ao consummado theologo *Diogo de Paiva d'Andrade*, e ao chronista mór do reino *Francisco d'Andrade*.

A irman *D. Violante de Andrade*, filha como elles de *Fernán Alvares d'Andrade*, thesoureiro-mór do rei D. João III, teve a coroa nobiliarcha de *condessa de Linhares*, casando-se com o segundo conde do mesmo titulo—casa e varonia *Noronhas*.

II.—Foi o primeiro fundador da reforma religiosa dos seus *Agostinhos Descalços*, realisada todavia só depois da morte d'este varão memorabillimo, acontecida em Marrocos na Africa em 17 d'abril de 1582 depois de 4 annos de captivoiro.

A esta ordem eremitica, pertencia o extincto convento do *Populo* aqui em Braga, onde está hoje o quartel militar do regimento 8 d'infanteria: e onde estivera recluso por castigo o famigerado *padre Jose Agostinho de Macedo*, satyricamente decantado n'isso, e em desbragamentos para isso concorrentes, na celeberrima *Agostinheida de Nuno Alvares Pereira Pato Montiz*.

III.—Chamado *Fr. Thomé de Jesus* pelo rei D. Sebastião, para o acompanhar na viagem á *Africa*, ficou ferido e prisioneiro na desastrosa batalha de *Alcázar* em 4 d'Agosto de 1578: e tormentado cruelmente

em *Maquinez*, passando a vida em escura masmorra, consolado apenas com a esperança na vida futura.

Pôde entanto o embaixador de Portugal conseguir transferir-o depois para Fez; e ahi manifestára *Fr. Thomé* os mais heroicos officios da caridade christã, dando em si exemplos de conforto sublime aos infelizes companheiros d'infortunio.

IV. — Os dois volumes dos seus TRABALHOS DE JESUS, de que mais d'uma edição gira entre nós, são leitura repleta da mais acrysolada unção christã: — e mais d'uma vez tem os estrangeiros vertido esta obra em suas linguas especiaes, como testemunho do elevado apreço das doutrinas e ensinamentos, que ahi transluzem asceticamente.

N'uma *Carta* curiosissima, posuvida em apographo da epocha, guardado em nossa livreria, e começada a publicar aqui no MURMURIO, periodico bracarense de curiosidades litterarias em 1856; dá *Fr. Thomé de Jesus* noticias minuciosas da morte do rei *D. João III*, descrevendo-lhe com phrazes de surpresa singular o aspecto horroroso do cadaver, após logo os primeiros instantes da morte.

Pereira-Caldas

O criterio no seculo XIX

(Continuado de n.º antecedente)

E é triste, é nojento, ver como os incautos se deixam imbuir dos palpvores chôchos de tão desnordeadas cabeças!

E' que elles não comprehendem que Voltaire, Spinosa, Condillac e toda essa troupe immensa de insensatos que germinam por toda a parte com gravissimo

damno da harmonia moral, podessem errar, elles, em quem a perspicacia era tanta.

Infelizes!... pois não comprehendeis vós que Voltaire, educado por uma me-retriz, respirando continuamente uma athmosphera saturada d'immoralidade, se cegasse a tal ponto que só visse a verdade por um vidro-faciado que dá uma illusão kaleidoskopica?...

Não comprehendeis que Spinosa, espirito aliás robusto, — um genio, se quereis —, judeu de raça, depois de examinar philosophicamente a religião que sua mãe lhe havia ensinado e em que não via cunho algum de verdade, aberrasse tanto que, vagabundo, sceptico, abordasse ao primeiro porto que se lhe deparava; e ahi, sem attender ao sitio que occupava, levantasse um monumento á boa estrella que o havia *livrado* do naufragio? Elle erigia o pantheismo como um monumento de gloria.

Coitado! era um soberbo inexoravel que não cedia um só passo da negra senda que havia trilhado, apesar de escarneo geral que lhe votavam os prudentes. Sua demasiada presumpção de sciencia havia feito d'elle um misero, que barafustava n'um lodaçal de duvidas onde a convicção não existia!

Não comprehendeis ainda que um espirito sensual, remordido pela consciencia que não cala culpas, trata de a abafar sob o pesado fardo d'uma philosophia sophismatica, que a principio não é mais que um joguete systematico mas que depois chega a trazer no infeliz uma convicção erronea?

De modo que, quem julgar que a verdade ha-de ser tão palpavel que se patenteie a todos, engana-se. Ella patenteia-se, sim, mas a quem a procura de boa fé, a quem a demanda livre de preconceitos; e no seculo em que vivemos muitos são os que desgraçadamente assim não fazem.

Oxalá que todos se compenetrem do dever que lhes impõe a Divindade de investigar as verdades religiosas com criterio justo: então a nossa querida patria seria sobremodo feliz, selo-hiam todas as que gemem sob os grilhões

retrogrados do erro, porque todas teriam por leme na vida moral o Decalogo, esse codice sublime, dictado no Synai por Jehovah e sustentado heroicamente atravez dos seculos pelo verbo infallivel do Papado.

(Conclue).

J. L. C. de M.

A Nazareth

Formoso ceu da Palestina! ceu sempre anilado e sempre rutilante, que não toldam os humidos nevoeiros das terras arcticas, nem obscurecem as nuvens cerradas da poeira levantadas pelo simoom nos incommensuraveis desertos do Sahará ou da Lybia.

Debaixo de tua abobada brilhante, que, como uma concha de luz, parece descansar no Tabor e no Carmello, abriga-se a formosa cidade de Nazareth, essa cidade de eterna poesia que a humanidade inteira sempre recordará.

Sim Nazareth... cidade do encanto e da magia, do azahar e das rosas, das palmas e das laranjas!... Quem me dera ver o despontar de tuas alvoradas que teem o encanto d'um sorriso.

O teu ceu é azul como o manto da Virgem, transparente e placido como o mar de Tiberiados.

As tuas brisas da tarde e o zephyro de teus crepusculos são suaves e acariciadores como vellos de arminho.

O teu ambiente é balsamico, perfumante e embriagador como o aroma das flores.

Tu foste uma cidade privilegiada e bolla, que o Omnipotente pareceu escolher para berço d'aquella, que lhe havia de ser filha, esposa e mãe.

Tu viste nascer dentro de teus muros, Maria, essa formosa menina de cabellos louros e ondeantes como as espigas do Egypto, como as searas do Nillo.

Viste os seus brinquedos innocentes á sombra de tuas palmeiras, e as

6 FOLHETIM

O Criminoso

II

— Meu pae...

— Estou aqui, minha filha.

— Eu onde é que estou?!

— Socega, estou eu aqui ao teu lado.

— Mas meu pae, que...

— Não te afflijas de estar em uma casa estranha; estás tão bem, como estivesses em nossa casa.

Laura, levantou-se do leito e firmando-se no cotovelo, olhando para o sr. perguntou:

— Que foi isto, meu pae?!

— Não foi nada; deita-te pouco para descansar.

Laura deixou-se cahir sobre o leito: e o silencio seguir-se-hia, se uma leve pancada no quarto não fosse ouvida.

— Quem é?

— Abre, mulher; que está aqui o sr. dr. Abreu.

O medico entrou sahindo-lhe ao encontro o pae de Laura, e

— Sr. dr., salve

— Impregare

estiverem

Apr

e ver

p

— Pois bem, a sua filha está salva.

— Sr.

— Eu não sou um prodigio da sciencia, mas para isto assevero-lhe que esta menina está salva.

— Meu Deus... meu Deus...

— Sr., é preciso que eu e o pae desta menina e a mulher do guarda

por algum tempo aqui sos,